

ARTE NAÏF: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA EM CONTEXTOS ESCOLARES

Grazielle Kreutzfeld

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorensen

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a utilização da Arte Naïf como caminho para o desenvolvimento da expressão artística no contexto escolar do município de Vargeão-SC. Arte Naïf, ou arte ingênua, é uma expressão marcada por cores vibrantes, ausência de perspectiva acadêmica e pela representação sensível do cotidiano, criada por artistas autodidatas que traduzem em suas obras a memória e a identidade cultural do povo. (Freitas, 2011; D'Ambrosio, 2013). Fundamentada em uma abordagem qualitativa, a investigação foi realizada a partir da aplicação de um questionário, voltado a três professoras de Arte da rede pública de ensino, buscando identificar seus conhecimentos, práticas e percepções sobre a Arte Naïf. Conclui-se que a Arte Naïf pode ser um caminho para desenvolver a expressão artística, de maneira que possibilite aos alunos reconhecer e valorizar suas próprias experiências criativas, dando-lhes a oportunidade de criar a partir de suas memórias, sejam elas de sua infância, de suas vivências ou da sua realidade cotidiana, sendo necessário oportunizar a criação para desenvolver a expressão.

Palavras-chave: Arte Naïf. Expressão artística. Identidade cultural. Contexto escolar.

1 INTRODUÇÃO

A Arte Naïf, também conhecida como arte ingênua, constitui campo expressivo caracterizado por composições não convencionais no uso da perspectiva, cromatismo intenso e narrativas visuais que frequentemente

retratam cenas do cotidiano, tradições e memórias coletivas. Sua origem, embora difusa, é atribuída a artistas autodidatas que, sem formação acadêmica formal, desenvolvem linguagens visuais próprias, muitas vezes enraizadas em referências culturais e simbólicas locais (Freitas, 2011; D'Ambrosio, 2013).

No Brasil, a Arte Naïf apresenta um desenvolvimento particular, associado à diversidade cultural e à valorização da cultura popular, consolidando-se em circuitos como a Bienal Naïfs do Brasil e acervos especializados, a exemplo do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil (Toneto, 2019).

No campo da arte-educação, Barbosa (2010) aponta que o contato com linguagens artísticas diversificadas amplia a sensibilidade estética, a criatividade e a capacidade crítica do estudante, tais fundamentos dialogam com a Abordagem Triangular proposta por Barbosa (2010), que articula fruição, contextualização e produção como eixos do ensino de arte. Entretanto, apesar de a Arte Naïf apresentar um potencial significativo para promover identificação cultural e expressão artística nos estudantes, sua utilização sistemática em contextos escolares permanece pouco documentada, concentrando-se sobretudo em experiências museais ou ações pontuais (Martins et al, 1998 apud Carvalho; Lopes, 2016).

Essa carência de estudos aplicados no contexto formal de ensino limita a compreensão de como a Arte Naïf pode ser organizada e planejada de forma intencional para o desenvolvimento da expressão artística, as pesquisas existentes concentram-se principalmente na análise histórica e estética da linguagem ou na mediação cultural em espaços expositivos (D'Ambrosio, 2013; Toneto, 2019). Apesar da riqueza estética e cultural da arte Naïf e de sua relevância como expressão da cultura popular, essa linguagem artística ainda é pouco valorizada e explorada nas práticas pedagógicas no ensino da Arte. Ante o exposto o presente artigo tem por objetivo investigar a utilização da arte Naïf como caminho para o desenvolvimento da expressão artística no contexto escolar do município de Vargeão-SC.

2 DESENVOLVIMENTO

2. METODOLOGIA

Este trabalho possui como tema a Arte Naïf como caminho para o desenvolvimento da expressão artística em contextos escolares e adota uma abordagem qualitativa, por buscar compreender a realidade a partir da interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, valorizando as experiências e interpretações dos sujeitos envolvidos, conforme discutido por Chizzotti (2014).

Quanto aos objetivos, caracteriza-se como pesquisa descritiva, uma vez que busca observar, registrar e analisar as características de um fenômeno e suas relações com o contexto em que ocorre, conforme fundamentos apresentados por Gil (2002 apud Matias-Pereira, 2007). Em relação aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa de levantamento, que envolve a coleta direta de informações com os participantes (Gil, 2002 apud Matias-Pereira, 2016), articulada à pesquisa-ação, por estar vinculada à reflexão sobre a prática educativa e à construção de possibilidades de intervenção no contexto escolar, conforme Matias-Pereira (2016).

A investigação foi desenvolvida em três escolas públicas de educação básica do município de Vargeão (SC). A coleta de dados ocorreu por meio de questionário composto por 12 questões, abertas e fechadas, aplicado a professores de Arte. Conforme Lakatos e Marconi (2017), esse instrumento permite reunir informações escritas sobre determinado tema, contemplando tanto respostas objetivas quanto manifestações de opinião.

O contato com as participantes ocorreu no momento da entrega dos questionários, ocasião em que foram apresentados os objetivos e a relevância da pesquisa, garantindo o consentimento livre e esclarecido. As respostas foram elaboradas individualmente, sem a presença da pesquisadora, respeitando o tempo de reflexão de cada docente. Após a devolução, os dados foram organizados e analisados com base na análise de conteúdo, que, segundo Minayo et al. (2002), possibilita interpretar as informações para além do que está explícito, buscando compreender sentidos e significados

presentes nas respostas. Essa etapa permitiu uma leitura crítica acerca do papel da Arte Naïf na promoção da expressão artística no contexto escolar.

3. A ESSÊNCIA DA ARTE NAÏF

3.1 ORIGENS, CARACTERÍSTICAS E SIGNIFICADOS

A Arte Naïf pode ser compreendida como um universo em que as cores vibram em harmonia, as formas valorizam a simplicidade e a imaginação se manifesta de maneira livre e espontânea. Trata-se de uma expressão artística que rompe com convenções e convida a perceber a beleza em sua forma mais autêntica. Essa linguagem mantém forte relação com a arte popular brasileira, ainda que necessite de maior reconhecimento no cenário nacional, sendo frequentemente associada a artistas que retratam o cotidiano, especialmente em contextos rurais. O termo “naïf”, de origem francesa, está relacionado à ideia de algo ingênuo, natural e espontâneo, remetendo a uma produção artística autêntica (D'Ambrosio, 2013).

As origens da Arte Naïf estão vinculadas a um período em que a arte era predominantemente acadêmica e elitizada. Diferentemente de movimentos artísticos estruturados, como o Renascimento ou o Modernismo, a Arte Naïf se constitui como uma manifestação paralela que ganha força a partir do final do século XIX. Conforme discutido por D'Ambrosio (2013), o termo passou a ser utilizado para denominar o estilo desenvolvido por Henri Rousseau, sendo posteriormente incorporado ao vocabulário de críticos, pesquisadores e artistas.

No século XX, especialmente com o avanço das vanguardas modernistas, a Arte Naïf passou a ser mais valorizada, uma vez que esses movimentos passaram a reconhecer a importância de expressões artísticas não convencionais e autodidatas. Nesse contexto, conforme aponta Argan (1992), essa linguagem passou a ser compreendida como uma vertente relevante dentro da arte moderna, evidenciando a sensibilidade e autenticidade de artistas que produzem a partir de suas vivências.

A imagem referente à obra “Um dia de Carnaval”, de Henri Rousseau, contribui para visualizar essas características, evidenciando o uso de cores intensas, composição imaginativa e uma representação que se distancia das

regras acadêmicas tradicionais, reforçando o caráter expressivo e singular da Arte Naïf.

De modo geral, a Arte Naïf é produzida por artistas autodidatas, ou seja, que não passaram por formação técnica formal. Ainda assim, suas produções revelam princípios importantes, como autenticidade e liberdade criativa. Conforme D'Ambrosio (2013), esses artistas se expressam de maneira instintiva e espontânea, não estando presos a padrões ou normas acadêmicas, o que amplia suas possibilidades de criação.

O encanto dessa linguagem está justamente na sua autenticidade, pois aproxima a produção artística da essência da criação humana. Cada obra revela aspectos das vivências, memórias e percepções do artista, trazendo à tona um olhar sensível sobre o cotidiano. A Arte Naïf se caracteriza pelo uso de cores vibrantes, formas simplificadas e forte carga imaginativa, articulando elementos da realidade com dimensões subjetivas (D'Ambrosio, 2013).

A simplicidade e a espontaneidade constituem o núcleo dessa expressão artística, sendo valorizadas como elementos fundamentais do processo criativo. Nesse sentido, a Arte Naïf pode ser compreendida como uma linguagem que dialoga diretamente com matrizes populares, conectando-se com experiências culturais e sociais dos artistas (D'Ambrosio, 2013).

Em um contexto contemporâneo marcado pela valorização da perfeição estética e pela mediação constante das imagens, a Arte Naïf se destaca como uma forma de resistência, ao valorizar a imperfeição, a autenticidade e a expressão sincera. Conforme discutido por Sant'Anna (1993 apud D'Ambrosio, 2013), essa produção artística representa uma base importante da cultura, sendo capaz de expressar vozes muitas vezes invisibilizadas e de influenciar outras formas de arte.

Assim, a Arte Naïf propõe uma reflexão sobre a essência da criação artística, convidando à valorização de uma expressão que emerge da experiência pessoal e da relação sensível com o mundo.

3.2 ARTISTAS REPRESENTANTES DA ARTE NAÏF NO BRASIL

A Arte Naïf encontrou no Brasil um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, especialmente por dialogar com elementos da cultura popular, tradições e modos de vida cotidianos. Conforme Proença (2019), essa valorização ocorreu de forma mais intensa após o Movimento Modernista, que buscou reconhecer manifestações artísticas genuinamente nacionais.

Nesse contexto, os chamados artistas "primitivos" passaram a ser compreendidos como sujeitos que produzem sentido a partir de suas vivências, selecionando elementos da cultura popular e organizando-os de forma poética em suas obras. Assim, a Arte Naïf deixa de ser vista apenas como expressão ingênua e passa a ser reconhecida como linguagem artística significativa (Proença, 2019).

Entre os principais representantes brasileiros, destacam-se nomes como Cardosinho, Heitor dos Prazeres, Djanira e Mestre Vitalino, que, conforme Proença (2019), contribuíram significativamente para a consolidação dessa linguagem no país.

As imagens dessas obras permitem observar como cada artista expressa o cotidiano, as festas, as relações sociais e os elementos culturais brasileiros, evidenciando a riqueza simbólica presente na Arte Naïf. As representações revelam o uso de cores intensas, formas simplificadas e narrativas visuais que traduzem experiências coletivas.

Esses artistas produziram a partir de suas realidades, transformando o cotidiano em expressão estética. Dessa forma, compreende-se que o valor da Arte Naïf não está centrado na técnica, mas na capacidade de expressar identidades, memórias e pertencimentos culturais.

As produções iniciais da Arte Naïf no Brasil apresentam características semelhantes às obras de Rousseau, como o uso de cores puras, figuras com traços simplificados e uma representação espontânea da realidade (Freitas, 2011). As imagens apresentadas evidenciam essas características, permitindo visualizar a diversidade cultural das diferentes regiões do país.

A Arte Naïf brasileira está amplamente presente em diferentes estados, revelando a força da pintura popular no território nacional. Conforme Freitas

(2011), essa produção artística possui representantes em praticamente todas as regiões, o que demonstra sua abrangência e relevância cultural.

No estado de Santa Catarina, destaca-se a artista Tercília dos Santos, cuja produção está fortemente vinculada às memórias de infância e à vivência no meio rural. Conforme D'Ambrosio (2013), sua trajetória evidencia uma linguagem própria, marcada pelo uso de cores, elementos da natureza e cenas do cotidiano.

A imagem relacionada à artista permite visualizar esses aspectos, evidenciando a presença de elementos como árvores, casas, animais e cenas da vida interiorana, reforçando o caráter autobiográfico e sensível de sua produção.

Apesar de sua relevância estética e cultural, a Arte Naïf ainda enfrenta desafios quanto ao reconhecimento no Brasil. Embora o país possua destaque no cenário internacional, com obras presentes em museus e exposições, essa linguagem ainda busca maior valorização no contexto nacional (Freitas, 2011). Isso evidencia a necessidade de ampliar estudos e reflexões sobre essa forma de expressão artística.

3.3 ARTE COMO EXPRESSÃO

A arte pode ser compreendida como uma forma de expressão humana que possibilita comunicar emoções, ideias e experiências, revelando modos de perceber o mundo, o outro e a si mesmo. Nesse sentido, Fusari e Ferraz (2015) entendem a arte como produção, construção e representação, envolvendo imaginação, interpretação e expressão de sentimentos.

A expressão artística acompanha o ser humano desde os tempos mais remotos, sendo uma forma de representar a realidade e dar sentido às experiências vividas. Conforme Buoro (2017), a arte pode ser entendida como resultado da relação entre o ser humano e o mundo, constituindo-se como parte essencial da vida.

No contexto escolar, a arte assume papel fundamental ao possibilitar que os alunos compreendam e expressem suas vivências, sentimentos e percepções. A experiência estética, conforme Duve (2009), está relacionada

à forma como cada indivíduo se conecta com a obra de arte, atribuindo significados a partir de seu repertório cultural.

De acordo com Duarte Jr. (2000), a experiência estética envolve a dimensão sensível e está relacionada aos sentimentos despertados pelas obras, sendo que o sentido da arte também é construído pelo olhar do espectador. Assim, a arte contribui para o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção.

A arte também desempenha papel importante na formação cultural e no desenvolvimento individual. Conforme Barbosa (2012), ela possibilita o desenvolvimento da percepção, da imaginação e da capacidade crítica, contribuindo para que o indivíduo compreenda e transforme a realidade.

Nesse sentido, a presença da arte na escola é essencial, pois favorece a expressão de emoções, a criatividade e o contato com o patrimônio cultural. Conforme Martins et al. (2010), a arte deve ser compreendida como parte fundamental da formação humana, sendo direito de todos os indivíduos.

Além disso, não se pode dissociar razão e sensibilidade no processo educativo. Conforme Duarte Jr. (2000), essas dimensões fazem parte de uma mesma experiência humana e devem ser trabalhadas de forma integrada. Cabe ao educador proporcionar experiências que permitam ao aluno compreender a arte como parte de sua vida cotidiana.

A criatividade, por sua vez, é elemento essencial no processo artístico, sendo resultado da capacidade de articular ideias, sentimentos e conhecimentos. Conforme Ferraz e Fusari (1999), a criação deve ser vivenciada como experiência significativa no ensino de arte, estimulando o pensar, o sentir e o fazer.

Dessa forma, a arte se apresenta como linguagem fundamental para a expressão humana, permitindo que os indivíduos manifestem suas emoções e construam sentidos sobre o mundo. Conforme Martins et al. (2010), as diferentes linguagens artísticas possibilitam vivências que envolvem emoção, sensibilidade e criação.

Por fim, a mediação do professor é essencial para que as experiências artísticas se tornem significativas, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade, da reflexão crítica e da ampliação das formas de expressão dos estudantes (Ferraz; Fusari, 1999).

4. ANÁLISES E REFLEXÕES DE RESULTADOS

Com o propósito de investigar a utilização da Arte Naïf como caminho para o desenvolvimento da expressão artística no contexto escolar, o primeiro aspecto focado foi a caracterização dos entrevistados, doravante denominados de P1, P2 e P3, quanto à área de formação dos profissionais que atuam nas escolas. Os três professores responderam que são formados em Artes Visuais e possuem pós-graduação, sendo que um deles, além da formação em Artes Visuais, também é formado em Sociologia. Percebeu-se que os profissionais que atuam nas instituições buscam constante aperfeiçoamento em suas áreas, contribuindo para a formação dos alunos e proporcionando um ensino-aprendizagem de qualidade. Nesse sentido, compreende-se que o professor é um profissional cuja atividade principal está centrada no ensino, sendo sua formação responsável por desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias ao processo educativo (Libâneo, 2013).

Na sequência, analisou-se o nível de ensino em que esses profissionais atuam. Um atua na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, outro nos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, e o terceiro nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Em relação ao tempo de atuação no componente curricular de Arte, o P1 trabalha entre seis a dez anos, enquanto P2 e P3 atuam entre um a cinco anos. Esses dados indicam que os professores possuem experiência na área, o que contribui para o compromisso com os educandos e com a qualidade do ensino. Ser professor envolve mais do que a transmissão de conteúdos, implicando uma atuação ética, responsável e comprometida com a prática pedagógica. O profissionalismo docente se expressa no domínio dos conteúdos, no planejamento, na participação no projeto pedagógico e no respeito às diferentes culturas e trajetórias dos alunos (Libâneo, 2013).

Outro ponto analisado foi o nível de conhecimento dos professores sobre as características e fundamentos da Arte Naïf. O P1 afirmou já conhecer o conceito antes do questionário, tendo como principal fonte a formação acadêmica e cursos extracurriculares, definindo-a como uma arte espontânea, intuitiva, autodidata, marcada por cores vivas e simplicidade nas formas. O P2 também demonstrou conhecimento prévio, adquirido por meio da formação acadêmica, cursos e pesquisas pessoais, definindo-a como uma arte autodidata em que o artista desenvolve seus próprios métodos. Já o P3 relatou não conhecer previamente o conceito, tendo contato com o tema apenas por meio da pesquisadora, mas ainda assim destacou características como espontaneidade, simplicidade e liberdade criativa.

Essas respostas evidenciam diferentes níveis de conhecimento entre os professores. Enquanto alguns já possuem contato com o conceito e compreendem suas características principais, outros ainda apresentam lacunas formativas. De modo geral, as definições apresentadas convergem para a compreensão da Arte Naïf como uma produção marcada pela autenticidade, pelo uso de cores vivas e pela liberdade em relação às técnicas acadêmicas (D'Ambrosio, 2013). Mesmo a definição apresentada por P3 aproxima-se dessa compreensão ao enfatizar a espontaneidade e a liberdade criativa, aspectos também discutidos na literatura (Sant'Anna, 1993 apud D'Ambrosio, 2013).

Diante disso, observa-se uma lacuna importante na formação docente, uma vez que a Arte Naïf ainda é pouco abordada nos currículos. Considera-se que o currículo deve contribuir para que os estudantes compreendam a cultura em sua diversidade, valorizando diferentes manifestações artísticas (Barbosa, 2017). Nesse sentido, a inserção da Arte Naïf pode ampliar repertórios, valorizar expressões populares e contribuir para um ensino de Arte mais plural e inclusivo.

Outro aspecto investigado foi a utilização da Arte Naïf nas práticas pedagógicas. O P1 relatou já ter utilizado essa linguagem em atividades escolares, por meio da apresentação de obras e produção artística inspirada no estilo, destacando como facilidades a simplicidade das formas, a

liberdade criativa e o uso de cores vivas. Como dificuldades, apontou questões relacionadas ao controle motor e à interpretação equivocada do estilo como ausência de intencionalidade. O P2 também relatou experiências com a Arte Naïf, utilizando estratégias como apresentação de obras, produção artística e análise de imagens, destacando a valorização da criatividade e a proximidade com a realidade dos alunos. No entanto, ressaltou o risco de os estudantes interpretarem a proposta como algo sem critérios ou sem significado. Já o P3 afirmou não ter utilizado a Arte Naïf em suas práticas, mencionando dificuldades relacionadas à desmotivação e à falta de criatividade dos alunos.

A partir dessas respostas, observa-se que a Arte Naïf é utilizada de forma pontual e ainda não está plenamente integrada às práticas pedagógicas. Embora os professores reconheçam sua acessibilidade e potencial expressivo, também apontam desafios que evidenciam a importância da mediação docente. Torna-se fundamental que o professor conduza o processo de forma a valorizar a intencionalidade artística e promover experiências estéticas significativas. Além disso, a valorização da arte produzida localmente contribui para que os estudantes compreendam melhor a realidade em que estão inseridos, desenvolvendo uma leitura crítica do contexto social, cultural e histórico (Barbosa, 2017).

A ausência dessa abordagem em algumas práticas evidencia um distanciamento curricular em relação a manifestações artísticas não hegemônicas, o que pode gerar lacunas na formação estética dos estudantes (Barbosa, 2017). Dessa forma, torna-se necessário ampliar o espaço da Arte Naïf no contexto escolar, reconhecendo seu potencial como linguagem artística relevante.

Por fim, investigou-se a percepção dos professores quanto ao potencial da Arte Naïf para o desenvolvimento da expressão artística. Os professores P1 e P2 afirmaram que ela contribui significativamente, destacando aspectos como criatividade, expressão individual, valorização da cultura popular e autoconfiança artística. O P1 também mencionou o desenvolvimento da observação e da interpretação de imagens. O P3, embora não tenha

respondido diretamente, reconheceu que a Arte Naïf pode estimular a criatividade, a expressão individual e a valorização da cultura popular.

Essas percepções indicam que a arte pode ser compreendida como forma de produção, expressão, interpretação e construção de conhecimento, envolvendo dimensões simbólicas, culturais e subjetivas (Fusari; Ferraz, 2015). Nesse sentido, a Arte Naïf, por sua natureza espontânea e subjetiva, favorece o desenvolvimento da liberdade criativa e fortalece o vínculo dos estudantes com sua identidade cultural.

Assim, a inserção da Arte Naïf no contexto escolar contribui para ampliar as possibilidades de criação, reflexão e pertencimento, permitindo que os estudantes se reconheçam como sujeitos criadores e valorizem suas próprias experiências e referências culturais. Além disso, o contato com diferentes tradições culturais possibilita a compreensão das diversas manifestações artísticas e dos contextos sociais em que estão inseridas (Barbosa, 2017).

As reflexões desta pesquisa evidenciam que a Arte Naïf, ao ser trabalhada no ambiente escolar, configura-se como um importante caminho para o desenvolvimento da expressão artística e para a valorização da diversidade cultural.

3 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa buscamos investigar a utilização da Arte Naïf como caminho para o desenvolvimento da expressão artística no contexto escolar, considerando de que maneira ela pode ser utilizada para esse fim. Apesar de sua expressividade estética e simbólica, a arte Naïf ainda ocupa espaço limitado no ensino formal, sendo pouco explorada nas práticas pedagógicas no componente curricular de Arte, o que contribui para o seu esquecimento. Os resultados mostraram que o nível de conhecimento dos professores sobre as características e fundamentos da Arte Naïf é limitado e desigual entre os participantes. Enquanto duas professoras já haviam tido contato com o conceito durante sua formação acadêmica e cursos complementares, uma delas relatou conhecê-lo apenas no decorrer da pesquisa. Essa lacuna

formativa reflete a ausência da Arte Naïf nos currículos e materiais de formação docente, evidenciando, conforme Barbosa (2017), a necessidade de incluir manifestações culturais diversas no ensino de Arte, de modo que o currículo valorize a pluralidade estética e cultural brasileira.

No que se refere à utilização da Arte Naïf nas práticas pedagógicas, verificou-se que duas professoras já desenvolveram atividades relacionadas a essa linguagem, explorando obras de artistas Naïfs e incentivando produções inspiradas nesse estilo. Em relação ao potencial da Arte Naïf para o desenvolvimento da expressão artística, as três participantes reconheceram, em diferentes graus, sua relevância no estímulo à criatividade, à expressão individual, à valorização da cultura popular e à autoconfiança dos estudantes. Tais percepções dialogam com Fusari e Ferraz (2015), que compreendem a arte como forma de representação do mundo cultural, manifestação de sentimentos e meio de construção de conhecimento.

Com base nas análises, conclui-se que a Arte Naïf pode ser um caminho para o desenvolvimento da expressão artística, possibilitando aos alunos reconhecer e valorizar suas próprias experiências criativas, criando a partir de memórias da infância, vivências ou da realidade cotidiana, sendo necessário oportunizar a criação para fortalecer a expressão e a identidade cultural dos estudantes. As imagens apresentadas ao final do trabalho possuem caráter ilustrativo, sendo utilizadas apenas para exemplificação visual, não sendo analisadas diretamente no corpo do texto, motivo pelo qual suas fontes não compõem o referencial teórico da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 8º. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2017.

BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 8º ed. São Paulo: Cortez, 2017.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O Público Infantil nos Museus. Educação & Realidade, [S. l.], v. 41, n. 3, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/52329>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 11º ed. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTUREIRA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/83112-costureira>. Acesso em: 26 out. 2025.

D'AMBROSIO, Oscar Alejandro Fabian. Um mergulho no Brasil Naif: a Bienal Naifs do Brasil do SESC Piracicaba: 1992 a 2010. 2013. 204 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/2268f64d-da4b-46f3-b186-2c9a727f5f2d>. Acesso em: 14 ago.2025.

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloisa C. de Toledo. Arte na Educação Escolar. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2015.

FERRAZ, Maria Heloisa C. De Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. Metodologia do Ensino de Arte. 2º ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREITAS, Maria Helena Sassi. Pintura Naíve: Conceitos, características e análises - quatro exemplos em São Paulo. 2011. 208 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/8f4c7e17-f869-45ba-9962-be8c9b02aa00>. Acesso em: 18 ago. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 8º ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6. ed., rev. e ampl. São Paulo: Heccus, 2013.

MATIAS-PEREIRA, José. Manual de metodologia da pesquisa científica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer a arte. São Paulo: FTD, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 21º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PROENÇA, Graça. História da Arte. 18º ed. São Paulo: Editora Ática, 2019.

SAMBA no Terreiro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/85157-samba-no-terreiro>. Acesso em: 26 out. 2025.

TONETO, Lívia Cristina. A representação das Festas de São João pela arte naïf no olhar de Prazeres, Djanira e Silva. 2019. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, 2019. p. 38-67. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-10122019-164402/pt-br.php>. Acesso em: 23 ago. 2025.

VIOLEIROS. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/111878-violeiros>. Acesso em: 26 out. 2025.

Sobre o(s) autor(es)

Acadêmica do Curso de Artes da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC Xanxerê. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC Xanxerê, atuando como professora efetiva de Anos Iniciais e Arte na rede municipal de ensino no município de Vargeão SC. E-mail: graziele33.vgao@gmail.com

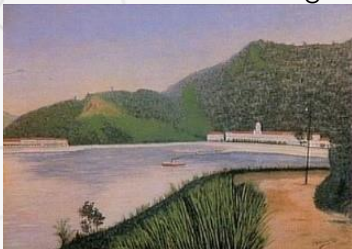
Orientadora – Profa. Dra. Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset – Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC. Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul -UFFS. Especialista em Aspectos Perridiológicos de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG e em Língua e Texto: Análise e Produção pela Universidade do Oeste de Santa Catarina -Unoesc. Graduada em Letras Português, Inglês e Espanhol e respectivas Literaturas. É professora e pesquisadora da Universidade do Oeste de Santa Catarina -Unoesc Xanxerê, desde 2001. E-mail: professora.rossaly@gmail.com

"Um dia de Carnaval", de Henri Rousseau, 1886.



Fonte: site todamatéria.

"A Escola Naval em Angra dos Reis", de Cardosinho, 1940.



Fonte: Enciclopédia itaucultural

"Costureira", de Djanira, 1951.



Fonte: Enciclopédia itaucultural

"Samba no Terreiro", de Heitor dos Prazeres, 1957.



Fonte: Enciclopédia itaucultural.

"Violeiros", de Mestre Vitalino, 1950, Cerâmica Policromada.



Fonte: Enciclopédia itaucultural.

A artista pincela cenários da sua infância no interior de Piratuba (SC).



Fonte: Elaborado pela autora (2025).